4

Fundamentação Teórica

4.1

Breve história do funcionalismo

Do ponto de vista histórico, os fundamentos para o desenvolvimento do funcionalismo iniciaram-se no *Círculo Lingüístico de Praga* (CLP). Essa escola, que tanto influenciou os estudos lingüísticos nos primeiros anos do século XX, foi criada em 1926 por lingüistas de várias nacionalidades entre eles os tchecos Mathesius e Vachek, os russos Jakobson, Karcevsky e Troubetzkoy e os franceses Tesnière, Benveniste e Martinet. Como resultado das pesquisas realizadas pelo CLP, foram editados, entre 1929 e 1938, oito volumes de trabalhos intitulados *Travaux du Circle Linguistique de Prague*.

Em linhas gerais, os membros da Escola Lingüística de Praga, inspirados pelo conceito saussuriano de língua como um sistema, propunham estudá-la como um *sistema funcional*. Para eles, a língua era ao mesmo tempo sistema e função e tinha como finalidade a comunicação. Como explica Weedwood (2002:138):

O aspecto mais característico da Escola de Praga é sua combinação de estruturalismo com funcionalismo. Funcionalismo aqui entendido como uma apreciação da diversidade de funções desempenhadas pela língua e um reconhecimento teórico de que a estrutura das línguas é, em grande parte, determinada por suas funções características.

É difícil caracterizar um único funcionalismo. O que há são modelos funcionalistas que ora assemelham-se ora divergem. Prideaux (1994 *apud* Neves 1997:1) argumenta que devam existir “tantas versões do funcionalismo quantos lingüistas que se chamam *funcionalistas*, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitam o formalismo até os que criam uma teoria”.

Ainda assim, os funcionalistas garantem que é possível encontrarmos um fio condutor ideológico que permeia os diversos modelos e que então caracterizaria a teoria funcionalista da linguagem. Para Neves (1997:3):

...o que caracteriza a concepção de linguagem defendida pela gramática funcional é seu caráter não apenas funcional como também dinâmico. Ela é funcional porque não separa o sistema lingüístico e suas peças das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação estrutura/função, a força dinâmica por detrás do constante desenvolvimento da linguagem.

Resumiríamos dizendo que a base da teoria funcionalista está no trinômio sistema-função-comunicação. De uma maneira geral, para os funcionalistas, todo e qualquer elemento lingüístico exerce uma função dentro do discurso dependendo da relação desse elemento com outros e variando de acordo com a intenção dos integrantes da interação. Nesse sentido, o sistema gramatical de uma língua deve relacionar-se diretamente com as necessidades sócio-interacionais e pessoais que este sistema irá atender.

O universo da análise [em uma abordagem funcionalista] é a língua em uso. Assume-se que são as condições e exigências do uso que moldam a estrutura. Esta existe para cumprir funções, essencialmente comunicativas. (Weedwood, 2002:239)

Dentre os funcionalistas destacamos: Michael Halliday (1994) que desenvolveu a *gramática sistêmico-funcional*, influenciado pelos trabalhos etnográficos de Malinowski, de Boas-Sapir-Whorf e de seu professor Jonh Rupert Firth; Simon Dik que destaca a importância da pragmática em seus trabalhos; Tesnière que propõe a teoria das valências verbais, em que o verbo é o elemento central da oração e é a partir dele que se desenvolvem as relações sintático-semânticas com os argumentos; e Dell Hymes, um dos primeiros estudiosos a usar a expressão *competência comunicativa*. Ainda que dentro de uma perspectiva formalista, Charles Fillmore contribui de forma fundamental para o funcionalismo quando desenvolve a *Gramática de casos* (casos semânticos).¹

Para este presente trabalho, a *gramática sistêmico-funcional* de Halliday (1994) nos serviu de base teórica. A seguir, apresentaremos os princípios dessa abordagem.

---

¹ Informações retiradas de <http://pt.wikipedia.org>

4.2

Halliday e a gramática sistêmico-funcional

Optamos por utilizar como base teórica de nosso estudo a abordagem sistêmico–funcional proposta por Halliday, basicamente por três motivos: (1) ela define como unidade básica do processo semântico, o texto; (2) nela, a linguagem é estudada em contexto, (3) o verbo é considerado elemento central da oração.

O paradigma funcional considera a linguagem como instrumento de interação social entre seres humanos mediante a linguagem. Para Halliday não há homem social sem linguagem, e não há linguagem sem homem social (Halliday, 1979 *apud* Hawad, 2002). Segundo as teorias funcionalistas, a língua é entendida como um sistema de relações, de onde as estruturas lingüísticas se originam. Para cada função lingüística é atribuído um significado e para cada significado uma função. De acordo com a perspectiva de Halliday, cada oração traz em si conteúdos semânticos ligados à três metafunções: a textual (a oração como mensagem); a interpessoal (a oração como troca) e a ideacional (a oração como representação).

Esses componentes são as manifestações, no sistema lingüístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Associados a esses, o terceiro componente metafuncional, o textual, lhes confere relevância. (Neves, 1997:62)

Para este presente trabalho, utilizamos apenas a função interpessoal, e mais especificamente conceito de Finito, proposto por Halliday. A escolha se justifica porque, segundo Halliday e Hasan (1989:20), a oração não só é a representação da realidade mas também um pedaço de interação entre falante e ouvinte. Essa definição de função interpessoal dada pelos autores muito nos auxilia na análise de nosso *corpus*, calcado exclusivamente em diálogos, ou seja, em orações como troca.

Na interação o que está sendo analisado são as relações humanas que se manifestam através da língua e por causa dela. Neves (1997:70-1) destaca a importância do modo dentro de uma interação:

Enquanto falante, o indivíduo dirige a inserção dos participantes no circuito de comunicação, selecionando: a) o modo de seu enunciado, e b) o próprio sujeito da estruturação sintática. O modo representa a organização dos participantes na situação de fala. Por ele, o falante escolhe entre declarar, perguntar, ordenar, pedir, oferecer, isto é, por ele, o falante define seu papel em relação ao interlocutor e à interlocução.

Por entendermos que o texto é uma unidade semântica, e não somente gramatical, fica claro a nossa escolha por uma teoria que preza por mesclar semântica e estrutura, e que questiona a forma estática com que a língua é tratada dentro de uma perspectiva normativa. O modelo funcionalista lança um olhar diferenciado sobre a língua, sob o qual forma e conteúdo são analisados juntamente com suas funções e usos.

4.2.1

A metafunção interpessoal

As abordagens funcionalistas, de uma maneira geral, têm como ponto em comum considerarem a linguagem como instrumento de interação social.

A linguagem se desenvolveu para satisfazer as necessidades humanas. Nesse sentido, a maneira de sua organização é funcional - e não arbitrária -, para vermos supridas essas necessidades. Uma gramática funcional é essencialmente uma gramática natural, no sentido de que cada elemento pode ser explicado, basicamente, pelo modo como a língua é usada (Halliday, 1994:xiii).

As três metafunções propostas por Halliday acontecem simultaneamente em uma oração. Enquanto a oração é organizada como mensagem, cria-se o evento interativo, em que falante e audiência são participantes. Como explica Halliday (1994:68), no ato da fala, o falante adota para si um papel de fala particular e, fazendo isso, atribui ao ouvinte um papel complementar que espera que ele assumira.

Segundo a gramática funcional de Halliday, *dar* e *pedir* são os dois papéis fundamentais da fala. “Dar” significa “convidar a receber”, e “pedir” significa “convidar a dar”. Nesse sentido, o falante não está somente realizando algo para si, ele está também demandando algo de seu ouvinte. Halliday (1994:68) joga com as palavras ao dizer que o *an act of speaking* (ato de falar) seria mais

apropriado se fosse chamado de *interact* (interação): “é uma troca em que dar implica receber e pedir implica dar em resposta”.

Há dois tipos de valores que podem ser trocados nessa interação: bens-e-serviços e informações. São essas duas categorias que definem as quatro funções primárias da fala: oferecimento, ordem, declaração e pergunta, como mostra o quadro abaixo proposto pelo autor:

Quadro 2

		Iniciação	Resposta esperada	Alternativa
Dar	Bens e serviços	Oferecimento	Aceitação	Rejeição
Pedir	Bens e serviços	Ordem	Comprometimento	Recusa
Dar	Informação	Declaração	Reconhecimento	Contradição
Pedir	Informação	Pergunta	Resposta	Repúdio

Quando a língua é usada para trocar informações, usa-se o termo *proposição*. Uma proposição é algo sobre o se pode argumentar, seja negando-a, afirmando-a, colocando-a em dúvida, etc. A oração como troca de bens-e-serviços não pode ser negada ou afirmada. A ela dá-se o nome de *proposta*.

4.2.1.1

O elemento Modo e o elemento Finito

O principal sistema pelo qual se realiza o significado da oração como troca (metafunção interpessoal) é o modo verbal, que é composto por duas partes: o Modo e o Resíduo. O primeiro, por sua vez, é formado pelo Sujeito e pelo operador Finito, que é parte de um grupo verbal. Como mostra o exemplo abaixo de Halliday (1994:74):

Quadro 3

The duke	has	given that teapot away
Sujeito	Finito	Resíduo
Modo		

Enquanto o Sujeito é o ponto de apoio do argumento, o Finito é o responsável por relacionar a proposição ao contexto discursivo. “O Finito circunscreve a proposição, tornando-a algo sobre o que se pode argumentar. A melhor maneira de tornar algo argumentável é dar-lhe um ponto de referência no aqui e agora”. (Halliday, 1994:75). Para relacionar a proposição ao contexto no evento da fala, o Finito faz referência (1) ao tempo da fala; (2) ao julgamento do falante e (3) à polaridade (afirmação ou negação).

Principalmente a primeira referência é muito importante para buscarmos entender as questões de ordem semântico/temporal que se apresentam dentro do estudo sobre o presente do indicativo.

Vejamos o exemplo dado por Halliday (1994) em sua Gramática: *An old man was crossing the road* (O velho estava atravessando a estrada). Segundo o autor o Finito *was* faz referência ao tempo primário (no caso, o passado) no momento da fala. *É o tempo relativo ao agora* (Halliday, 1994:75). Numa análise precipitada e menos atenta, poderíamos compreender esse tempo relativo ao agora a que se reporta Halliday ao mesmo tempo da enunciação das gramáticas normativas, anteriormente analisadas. No entanto, acreditamos que, esse momento da fala de Halliday se relaciona ao momento do discurso. É o momento que surge a partir da interação, dentro do contexto de situação.

Tal reflexão se apóia na própria formação da gramática funcional de Halliday (1994), que se baseia na teoria de Firth, com inspiração em Malinowski. Encontramos o conceito de contexto de situação, criado por Malinowski, na gramática sistêmico-funcional de Halliday (1994). De acordo com os estudos do antropólogo Malinowski (*apud* Halliday & Hasan, 1989) nas ilhas do Pacífico Sul, havia textos, produzidos pelas populações locais, extremamente pragmáticos, relacionados ao dia-a-dia da comunidade. Nesses casos, a linguagem fazia parte da situação imediata. No entanto, havia outros textos, cuja referência não era tão

imediate e cuja função não era diretamente pragmática. Eram as ocasiões, por exemplo, em que os nativos se reuniam para contar histórias.

Como a maioria das narrativas, essas histórias não eram relacionadas diretamente à situação imediata em que eram contadas. Em relação ao assunto, era irrelevante se essas histórias eram contadas de manhã ou à noite, dentro ou fora das casas. O contexto era criado pelas próprias histórias. (Halliday & Hasan, 1989: 7)

Vejamos agora o exemplo de Perini (1999:25), em *Para uma nova Gramática do Português: Nesse momento, D. Pedro tira a espada e grita: “Independência ou Morte!”*. Esse uso do presente do indicativo pode ser entendido também a partir do conceito de contexto de situação, acima exposto. No nosso entender, o discurso cria seu próprio tempo, que não se refere ao tempo cronológico, e não necessita dele para acontecer.

Além de contextualizar a oração no evento da fala, referindo-se aos tempos primários, o Finito também pode referir-se ao julgamento do falante. São os casos de modalidade. Dentro de nosso *corpus*, encontramos alguns exemplos do uso do presente em modalizadores. No capítulo 6, as referências modais estão descritas com o título: O presente em expressões de opinião.